

DIFICULDADES DE ESCRITAS DIAGNOSTICADAS EM ALUNOS DO ENSINO FUNDAMENTAL

*Dangela Maria Pereira Santos*⁴⁵
*Stânia Nágila Vasconcelos Carneiro*⁴⁶

RESUMO

Este artigo apresenta uma análise das dificuldades de aprendizagem da escrita, pois muitos alunos cursam o ensino fundamental, médio e superior e apresentam grandes dificuldades de aprendizagem no desenvolvimento da escrita, pois acabam passando pela escola sem desenvolver de forma significativa essa habilidade. A escolha de trabalhar essa temática surgiu da observação que a escrita é de fundamental importância para a aprendizagem dos alunos e que os educadores precisam desenvolver estratégias diversificadas para promover a aprendizagem dos educandos. Com o tema definido surgiram as seguintes problematizações: Como os professores trabalham com a escrita em sala de aula? Qual a importância da escrita para o desenvolvimento da aprendizagem dos educandos? Que estratégias diversificadas os educadores utilizam para desenvolver a aprendizagem dos seus alunos? O objetivo da pesquisa é verificar como se dá a aquisição da escrita, bem como analisar o que é a escrita e observar como a escrita é desenvolvida. O trabalho sobre as dificuldades de escrita foi desenvolvido através de uma pesquisa feita com três professores, de maneira tanto qualitativa quanto quantitativa, para analisar as dificuldades de escrita por uma turma de alunos da Escola Amélia Pessoa, na localidade de Ingá dos Cardoso no município de Canindé-Ce. A presente pesquisa fundamentou-se nos estudos de CAGLIARI (1992), FERREIRO (1998), FREIRE (1991), SMITH (1991), ZILBERMAN (1991) entre outros.

Palavras-chave: Aprendizagem. Escrita. Escola. Pesquisa.

⁴⁵ Professora municipal de Canindé. Especialista em Gestão Escolar e Coordenação Escolar pela FAK -FACULDADE KURIUS, Fortaleza/CE. E mail: fcrs0017@fcrs.edu.br

⁴⁶ Doutora em Ciências da Educação pela Universidad Del Norte (2009), título revalidado pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul em Junho de 2012. Professora assistente da Universidade Estadual do Ceará. E mail: stanagila@hotmail.com.

DIFFICULTIES OF DIAGNOSED WRITINGS FROM STUDENTS IN BASIC EDUCATION

ABSTRACT

This research paper presents an analysis of the learning difficulties of writing, since it was observed that many students attend the elementary, middle and higher education and have major learning difficulties in the development of writings, they end up going through school without significantly develop this skill. The choice of this theme of work came from the observation that writing is critical regarding the learning of the students and that educators need to develop diversified strategies to promote students' learning. With the establishment of the theme some questions emerged: How can teachers work with the writing classroom? What is the importance of writing to the development of students' learning? Which are the diversified strategies that educators use to develop their students' learning? The role of research behind the general objective is to investigate how the students acquire the abilities of writing and the specific aim is to analyze what is written; to observe how writing is developed. Working on the difficulties of writing was developed through a survey of three teachers, so that both qualitative and quantitative experience would be the way to analyze the difficulties of writing for a class of students from the School Amelia Person in locality of Cardoso Inga in the municipality of Canindé-CE. This research was based on studies of Cagliari (1992), SMITH (1998), Freire (1991), SMITH (1991), ZILBERMAN (1991), TEBEROSKY (2003), among others.

Keywords: Learning. Writing. School. Search.

INTRODUÇÃO

Este artigo científico apresenta uma análise das dificuldades de aprendizagem da escrita, pois se verifica que muitos alunos cursam o ensino fundamental, médio e superior e apresentam grandes dificuldades de aprendizagem no desenvolvimento da escrita, pois eles acabam passando pela escola sem desenvolver de forma significativa essa habilidade.

A escolha de trabalhar essa temática surgiu da observação que a escrita é de fundamental importância para a aprendizagem dos alunos e que os educadores precisam desenvolver estratégias diversificadas para promover a aprendizagem dos educandos.

Com o tema definido surgiram as seguintes problematizações: Como os professores trabalham com a escrita em sala de aula? Qual a importância da escrita para o desenvolvimento da aprendizagem dos educandos?

Que estratégias diversificadas os educadores utilizam para desenvolver a aprendizagem dos seus alunos?

A pesquisa tem como objetivo geral, verificar como se dá a aquisição da escrita, e específicos, analisar o que é a escrita e observar como a escrita é desenvolvida.

De modo geral, esta pesquisa pretendeu constatar as dificuldades de aprendizagem de escrita dessa turma de alunos, através de um ditado interativo envolvendo tanto leitura como escrita; identificar os motivos que levam os alunos terem essas dificuldades e contribuir com sugestões de melhoria para o ensino mais proveitoso e produtivo da escrita.

Sabe-se que, em uma sala de aula, existem crianças em vários níveis de aprendizagem, mesmo sabendo que esta pesquisa foi realizada na turma de sexto ano de uma escola municipal da cidade de Canindé.

A presente pesquisa fundamentou-se nos estudos de CAGLIARI (1992), FERREIRO (1998), FREIRE (1991), SMITH (1991), ZILBERMAN (1991) entre outros, no qual a pesquisa foi fundamentada e discutida.

Em virtude de haver em uma sala de aula, diferentes níveis de aprendizagem, surgiu a vontade de detectar nesses alunos qual a dificuldade de escrita de cada um na hora de escrever determinado contexto.

É importante que o professor tenha afeto e compreensão, principalmente quando a criança demonstrar dificuldade, pois ele é um profissional educador, de fato, comprometido não só com a construção do conhecimento do aluno, mas deste como um todo.

A leitura significativa é básica na vida.

Em seus múltiplos aspectos, confunde-se com a própria vida, abrangendo mesmo a história da humanidade. Do lar à escola, da escola à comunidade, transpondo fronteiras, está sempre a linguagem, como admirável vínculo que aproxima os povos do universo.

O homem está na permanente dependência dos símbolos verbais e por esse motivo, o desenvolvimento da leitura como elemento essencial a sua perfeita realização na sociedade em que vive.

É por tudo isso que a escola, órgão eminente normativo, atribui tanto valor as técnicas de leituras significativas em seus currículos.

Este artigo consiste oportunidades para a expressão criadora e dramática; atividades que visam à informação, ao estudo e à aquisição de técnicas para o aperfeiçoamento linguístico.

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

ESCRITA ORTOGRÁFICA

Segundo Morais (2002, p.21): “Ao ensinar ortografia, o professor precisa então levar em conta as peculiaridades de cada dificuldade ortográfica”. Com a abordagem feita por Morais sobre o ensino da ortografia, parece simples de ser resolvida. Diante das peculiaridades existentes em uma sala de aula nem sempre o professor consegue detectar a dificuldade de cada um, e a partir daí o aluno vai desenvolvendo sua escrita com uma enorme defasagem, e isso poderá trazê-lo grandes prejuízos nas séries seguintes, como é caso da maioria dos alunos da rede pública municipal.

Segundo Teberosky (2003, p.50),

Durante o processo do aprendizado da leitura, o processamento necessário para juntar as palavras em grupo que representam estruturas significativas da linguagem pode sobrecarregar a capacidade da criança e criar obstáculos para a compreensão. Diante disso, o professor precisa conhecer quais são as dificuldades reais do aluno, no momento da aprendizagem em que se encontra a criança, e quais são as dificuldades desse processo.

Na aprendizagem infantil, a leitura afetiva de histórias faz com que essa criança entre em contato com um tipo particular de discurso. Ela aprende a prestar atenção. Isso a estimula a lembrar e repetir a história para compreender conceitos. Tendo o livro como suporte, sua capa, suas páginas e as ilustrações, aprende a reconhecer letras e encontrar seus valores sonoros e a memorizar trechos do texto.

Em algumas famílias, as crianças interagem com materiais e com tarefas de leitura e escrita desde muito cedo. Essas interações influenciam nas aprendizagens dessas crianças que apenas escutando a leitura em voz alta, assistem à transformação das marcas gráficas em linguagem.

A repetição da mesma história ajuda as crianças em vários sentidos, quando a história lhes é familiar, elas memorizam, podendo-lhes novamente, lembrá-la e fazer comentários sobre as personagens, os acontecimentos, bem como reconhecer os títulos e temas.

Outra forma de aprendizagem é a leitura compartilhada, tal leitura facilita a aprendizagem do vocabulário, bem como o uso da linguagem expressiva, a compreensão da função da escrita e o conhecimento da linguagem

das histórias de ficção.

É evidente que as crianças pequenas têm uma grande facilidade em aprender novas palavras. Estima-se que, durante os primeiros seis anos de vida, elas podem adquirir até oito mil palavras.

Posteriormente, as crianças maiores de oito anos, quando são leitoras independentes, têm acesso aos textos através da leitura silenciosa, com o qual a fonte indireta se transforma em direta. Em outras palavras, na época pré-escolar, as crianças são capazes de tirar proveito de fontes tanto diretas como indiretas.

Segundo Teberosky (2003, p.51) “a ampliação do vocabulário continua durante a escolaridade, mesmo que o ritmo não seja muito intenso”.

Ainda de acordo com a autora (2003, p.51): Se o adulto lê a frase: “A menina come chocolate”, de maneira contínua e sem analisar as partes, ele pode perguntar: “O que está escrito menina?” As crianças responderão que sim. “O que mais está escrito?” Costumam dizer “chocolate”. Quando as crianças interpretam o texto, depois de terem localizado um ou dois substantivos, elas conseguem “ler” toda a oração. Esse fato demonstra que quanto maior for o contato do aprendiz com o texto escrito, maior será a probabilidade desse aluno não apresentar indícios de que terá dificuldades de leitura.

DECODIFICAÇÃO VERSUS INTERPRETAÇÃO

Decodificação – é um procedimento utilizado pelo leitor para identificar relações entre letras e sons. E nesse processo de análise, isto é, de decifração de pequenas unida-

des que faz com que o leitor primário consiga ler palavras que nunca foram vistas antes, mesmo sem compreender o seu significado.

O reconhecimento global de palavras, procedimento básico que ajuda a ler e também a compreender uma vez quando alguém não precisa analisar cada parte das palavras porque já as reconhecem instantaneamente tem acesso imediato ao significado. Esse processo permite que o leitor não se detenha em fragmentos como sons e nomes de letras. Da mesma forma que a decodificação é um procedimento utilizado pelo leitor iniciante e pelo leitor adulto. O reconhecimento global é aplicado por crianças especialmente às palavras ou textos que são mais comuns e aparecem com mais frequência na vida escolar.

Não devemos esperar que as crianças aprendam a ler no mesmo tempo ou no mesmo ritmo ou com os mesmos materiais, pela simples razão de que as crianças são indivíduos. (SMITH, 1999, p.147).

Sabe-se que decodificar e compreender são dois processos simultâneos, em que um ajuda o outro, lendo é que se passa do sentido ao texto a compreensão do texto.

UM NOVO OLHAR SOBRE O PERÍODO PREPARATÓRIO

Por muito tempo acreditou-se na importância de um período que antecedia a alfabetização, para poder preparar ou “amadurecer” as crianças para a tarefa de ler e escrever. Ou seja, expandiu-se à prática de trabalhar exaustivamente as habilidades perceptivo-motoras (o chamado período preparatório) para após, começar o desenvolvimento da leitura e da escrita.

Era necessário fazer-se neste interva-

lo de tempo, baterias de exercícios de lateralidade espacial, discriminação visual e auditiva, coordenação motora ampla e fina, desenvolvendo desta forma a “mecânica” necessária à alfabetização.

Acredita-se com isto, que tendo seus “instrumentos” (órgãos sensoriais) bem desenvolvidos, o aluno estaria habilitado à aprendizagem. Hoje, percebe-se que aprender a ler e escrever, mais do que exigir pré-requisito para recortar, colar, cobrir pontinhos, é representar conceitos, ideias, pensamentos... é entender a maneira pela qual esta representação é convencional ou socialmente feita.

E preciso saber o que a criança já conhece sobre a língua escrita na realidade onde vive e buscar ampliar as possibilidades de sua utilização em situações funcionais, pois a criança sempre está apta a iniciar uma aprendizagem desde que demonstre interesse para tanto.

A educação também propicia o desenvolvimento infantil, considerando os conhecimentos e valores culturais que as crianças já têm e, progressivamente garantindo a ampliação dos conhecimentos de forma a possibilitar a construção de autonomia, cooperação, criatividade, responsabilidade, e a formação do autoconceito positivo contribuindo, portanto, para a formação da cidadania.

Manter viva a curiosidade da criança é um dos meios para contrabalancear todo o seu desenvolvimento infantil. Fascinada pelo rico tumulto da experiência, a criança explora o seu mundo com toda a naturalidade.

Os educadores devem mediar com seus educandos à disciplina como algo intrincado e fascinante que deve ser sempre explorado. O

aprendizado precisa deixar de ser absorção para ser exploração.

O PROFESSOR COMO MEDIADOR

Para Cagliari (2004, p.45):

A prática escolar consiste na concretização das condições que asseguram a realização do trabalho docente. Tais condições não se reduzem ao estritamente pedagógico, já que a escola cumpre funções que lhe são dadas pela sociedade concreta, que por sua vez, apresenta-se como constituída por classes sociais com interesses antagônicos. A prática escolar assim tem atrás de si condicionamentos sociopolíticos que configuram diferentes pressupostos sobre o papel da escola, aprendizagem, relações professor/aluno, técnicas pedagógicas etc. Fica claro que o modo como os professores realizam seu trabalho selecionam e organizam o conteúdo das matérias ou escolhem técnicas de ensino e avaliações têm a ver com pressupostos teóricos, metodológicos, explícita ou implicitamente.

Há professores que baseiam a sua prática em prescrições pedagógicas que viram senso comum incorporadas quando de sua passagem pela escola ou transmitidas pelos colegas mais velhos.

Por outro lado, há professores interessados em um trabalho docente mais consequente, professores capazes de perceber o sentido mais amplo de sua prática e de explicitar suas convicções.

O trabalho docente consiste numa atividade mediadora entre o individual e o social, entre o aluno e a cultura social, historicamente acumulada, vale dizer, entre o aluno e as matérias de estudo. Mas se trata de um aluno, enquanto ser concreto e histórico, síntese

de múltiplas determinações, produto de condições sociais e culturais. O essencial no trabalho docente é, portanto o encontro direto do aluno com o material formativo, com a mediação do professor.

MODIFICAÇÕES NA PRÁTICA PEDAGÓGICA DO PROFESSOR

A concepção construtivista de aprendizagem tem implicações que levam sem dúvidas a profundas modificações na prática pedagógica do professor.

É fundamental que o professor modifique o seu foco de preocupação sobre o que, quando e como ensinar para a reflexão sobre o que fazer para que a criança aprenda de modo a se propiciar verdadeiramente, de nosso sistema de leitura e escrita, e não apenas reproduzi-lo.

Nesse sentido o professor precisa ter clareza de que “o que ele ensina é diferente daquilo que o aluno aprende”, pois cada criança vai assimilar as informações que circulam no seu meio e aquelas trazidas pelos colegas e pelo professor, de acordo com as concepções que ela tem sobre a escrita naquele momento.

O aluno apresenta-se na situação de aprendizagem numa dupla condição: não sabe aquilo que necessita aprender (por isso vai às aulas), mas não é um desconhecedor absoluto. O trabalho docente constitui-se, portanto, de um processo também duplo: continuidade da experiência já trazida pelo aluno (experiência fragmentária, senso comum) e ruptura dessa experiência para elevá-lo a uma visão mais elaborada do conhecimento. A ruptura empreendida pela mediação do professor provoca um balanço do saber preexistente, visando atingir um plano mais alto do pro-

cesso cultural.

O trabalho docente assume assim uma função retificadora do saber prévio trazido pelo aluno, que é inadequado (anacrônico) face aos graus mais elevados de conhecimentos exigidos pela sociedade.

FREIRE (2000, p.25) resume quando diz: “A reflexão crítica sobre a prática se torna uma exigência da relação teoria/prática sem a qual a teoria pode ir virando blábláblá e a prática ativismo”.

Ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua produção ou sua construção.

A prática educativa é algo muito sério, lida-se com gente: crianças, adolescentes e adultos participam de sua formação, ajuda ou prejudica nesta busca, pois está intrinsecamente a eles ligado no seu processo de conhecimento, pode se concorrer com a incompetência, preparação e irresponsabilidade para o seu fracasso. Mas também com responsabilidade preparo científico e gosto do ensino com toda seriedade e testemunho de luta contra as injustiças, contribuir para que os educandos tornem-se presenças marcantes no mundo.

RELAÇÃO PROFESSOR/ALUNO

A relação entre educadores e social educandos são complexas, fundamentais, difíceis e deve-se repensar constantemente. Que bom seria se essa relação fosse avaliada e reavaliada enquanto educador e educando também.

O professor deve ensinar. É preciso fazê-lo, só que ensinar não é transmitir conhecimento. Para que o ato de ensinar se constitua como tal, é preciso que o ato de

aprender seja precedido ou concomitante ao ato de aprender o conteúdo ou o objeto cognoscível com que o educando se torna produtor também do conhecimento que lhe foi ensinado. Só na medida em que o educando se torne sujeito cognoscente e se assuma como tal, tanto quanto sujeito cognoscente é também o professor, é possível ao educando tornar-se sujeito produtor da significação ou do conhecimento do objeto.

E neste movimento que ensinar e aprender vão se tornando conhecer e reconhecer. O educando vai conhecendo o ainda não conhecido e o educador reconhecendo o antes sabido.

O professor redimensionará o seu papel assumindo a mediação na relação entre o aluno e esse objeto de conhecimento (escrita e leitura). É preciso que ele se preocupe em conhecer bem os dois polos de sua mediação.

- O aluno, em suas dimensões e psicológica;
- A língua escrita do ponto de vista sociolinguística, psicolinguística e linguística.

“É preciso que o professor e alunos troquem ideias, levantem hipóteses, façam argumentações, construam e reconstruam seus conhecimentos” (FREIRE, 2000, p.29).

Os educandos vão se transformando em reais sujeitos da construção e da reconstrução do saber ensinando, ao lado do educador, igualmente sujeito do processo.

Só assim poderemos falar realmente do saber ensinado em que o objeto ensinado é aprendido na sua razão de ser e, portanto, aprendido pelos educandos. O educador democrático não pode negar-se o dever de na sua prática docente, reforçar a capacidade crítica do educando.

É preciso que a educação mude! Não é uma tarefa fácil e não isenta o professor no processo ensino-aprendizagem. Para ser este grande educador democrático, renovador e construtivista é preciso ter domínio das disciplinas, ter força de vontade, ter interesse pela busca de novidades, ser criativo, ser caprichoso, ser pesquisador, ser ético e respeitar acima de tudo a individualidade de cada um. (FREIRE, 2000, p.30).

O professor deixa de ser um mero transmissor de conteúdo e técnicas e assume o papel de orientador, de facilitador da aprendizagem. Para isto, ele necessita de um lado, aprofundar-se no conteúdo referente às questões de leitura e, de outro ter um bom conhecimento das crianças que lhe são confiadas, uma atitude positiva e atenta frente aos alunos, uma sensibilidade pelos interesses e possibilidades de cada um.

Tem também de conhecer a realidade social do país e as questões do acesso aos bens culturais produzidos no passado e no presente. Somente o professor pode intuir o que convém fazer num determinado momento para ajudar o aluno a aprender.

Diante do que foi exposto na proposta progressista é fundamental um professor pesquisador, um professor que elabore situações nas quais o conhecimento circule as questões apareçam que transforme a aprendizagem numa construção prazerosa e vinculada com realidade do grupo a que pertençam às crianças.

DIFICULDADES DA ESCRITA

Você sabia que aprender a língua é aprender como significar? Já pensou que poder significar é poder fazer alguma coisa com a linguagem? Pois as palavras que dizemos ou escrevemos, as formas gramaticais e as estru-

turas do texto nada mais são que realizações desse potencial significativo. (VIEIRA, 2005, p.19)

Um elemento da aprendizagem da escrita é a consciência que o aluno trás para a escola sobre a escrita, essa consciência é provavelmente em seu entorno, como por exemplo: embalagens de produtos utilizados em casa, propagandas escritas, anúncios, cartazes e faixas na rua. Essa consciência da escrita que antecede a escolaridade é chamada de letramento emergente.

Segundo BRASIL (2001, p.66):

Para aprender escrever, é necessário ter acesso à diversidade de textos escritos, testemunhar a utilização que se faz da escrita em diferentes circunstâncias, defrontar-se com as reais questões que a escrita coloca a quem se propõe produzi-la, arriscar-se a fazer como consegue e receber ajuda de quem já sabe escrever.

Ensinar a ler e a escrever continua sendo tarefa da escola. É preciso conhecer melhor este processo e não por a culpa no aluno, ou no meio social, é necessário entender como se constrói este conhecimento e se a motivação é adequada para que o aluno prossiga em sua evolução.

FERREIRO e TEBEROSKY (1986) descobriram que a escrita não acontece na vida do sujeito através de um estalo fantástico, mas pela construção de estruturas cognitivas, ou seja, pela construção de níveis de conceitualização que possuem regras próprias ou hipóteses próprias para seu funcionamento.

ANÁLISE DOS DADOS COM OS PROFESSORES

A coleta de dados foi desenvolvida com professores, que por razões éticas seus nomes

não foram revelados, onde na primeira pergunta se questionou: O que é a escrita?

De modo geral os professores responderam que ortografia é um conjunto de regras de uma língua sobre a maneira que se escreve e que é parte integrante da escrita.

Observa-se que as respostas são bastante coerentes, mas é preciso que os educadores saibam realmente qual a importância da escrita para o processo de ensino e aprendizagem.

Na segunda pergunta se questionou: Quais são as dificuldades ortográficas?

Os professores entrevistados responderam que observam essas dificuldades na escrita, na colocação das vírgulas, na acentuação, na pontuação, no acordo ortográfico, na escrita de palavras com s ou z, x ou ch.

Observa-se que as dificuldades diagnosticadas pelos professores em sala de aula são bastante comuns, e que eles precisam desenvolver estratégias diversificadas para trabalhar as competências e habilidades da escrita dentro dos conteúdos do cotidiano.

Na terceira pergunta se questionou: Em sua opinião, por que essas dificuldades ocorrem?

Verifica-se nas respostas dos professores que os alunos apresentam dificuldades por que os sons das letras como s e z, x e ch são muito parecidos, e falam ainda que a maioria dos alunos não tem atenção nas regras e quando vão copiar do quadro ou do livro fazem de maneira errada.

Na quarta pergunta se questionou: O que você faz para trabalhar essas dificuldades?

Observa-se nas respostas dos professo-

res que eles trabalham com ditado e correção seguida, pesquisa em dicionário, uso da ortografia diversificada, prática da escrita, consulta a gramática, regras de ortografia com x, ch, s, ss, ç, c entre outras.

Verifica-se que o trabalho com a escrita deve ser processual e contínua e que essas regras devem desenvolvidas constantemente para que haja uma boa aprendizagem.

Essa entrevista foi de fundamental importância para analisar como os professores trabalham com as dificuldades ortográficas na escola. Observando como são as dificuldades de aprendizagem e o que os professores têm feito para desenvolver uma aprendizagem dinâmica, sistemática e significativa para os alunos.

METODOLOGIA

O trabalho sobre as dificuldades de escrita foi desenvolvido através de uma pesquisa feita com três professores, de maneira tanto qualitativa quanto quantitativa, para analisar as dificuldades de escrita por uma turma de alunos de uma determinada escola do município de Canindé-Ce. Realizou-se também um ditado interativo com os alunos para se saber os desvios ortográficos cometidos por eles. A presente pesquisa fundamentou-se nos estudos de CAGLIARI (1992), FERREIRO (1998), FREIRE (1991), SMITH (1991), ZILBERMAN (1991) entre outros, no qual a pesquisa foi fundamentada e discutida.

ANÁLISE DOS DADOS COM OS ALUNOS

O material utilizado para detectar as dificuldades de escrita dos alunos constou de um ditado interativo de 15 frases, seguido de

um questionamento, onde os alunos iriam dizer quais palavras tiveram mais dificuldades e por quê.

Observou-se nas respostas dos ditados interativos dos alunos que todos cometeram desvios ortográficos relacionado à escrita, como a troca do s por c, e por i, m por n, a não acentuação correta de algumas palavras. Diante dessas situações é preciso que os educadores trabalhem a ortografia dentro do cotidiano para que realmente a aprendizagem flua de forma significativa.

As respostas dos alunos foram de fundamental importância para se obter uma visão sobre quais são as dificuldades de aprendizagem da escrita na ótica dos alunos e o que tem feito os professores para sanar essas dificuldades.

Para CAGLIARI, (1992, p.96): “O ensino de Português tem sido fortemente dirigido para a escrita, chegando a se preocupar mais da experiência da escrita do que ela realmente representa”.

Verifica-se que o ditado interativo foi muito importante para refletir sobre as dificuldades de aprendizagem dos alunos e que intervenções pedagógicas devem desenvolver-se para superá-las.

ESCOLA ESTRUTURA LOCALIZAÇÃO, OBJETIVOS E FUNCIONAMENTO

A Escola Amélia Pessoa está localizada na comunidade de Ingá dos Cardoso, a 30 km do município de Canindé, a mesma dispõe de três salas de aula, uma secretaria, banheiros masculino e feminino, pátio para recreação e cantina. A escola funciona nos turnos manhã e tarde, atendendo a clientela de Educação

Infantil ao 9ºano, com o objetivo de aperfeiçoar o processo de aprendizagem da leitura e escrita baseado nos indicadores de qualidade educacional.

SALA DE AULA PESQUISADA

O presente trabalho foi realizado na turma de 6ºano, que serviu como laboratório de pesquisa e análises dos resultados aqui obtidos, sendo detectadas dificuldades ortográficas como troca de s por c e c por s, m por n, s por ss, s por ç e acentuação incorreta. Verifica-se que esses alunos precisam de atividades extras e diversificadas que trabalhem a ortografia dentro e fora da sala de aula.

CONCLUSÃO

A escrita é um tão vasto material que trata do tema, conclui-se que muitas pesquisas estão sendo feitas e bons trabalhos pertinentes ao assunto estão sendo realizados, de campos tão distintos, como da sociolinguística e da psicolinguística que demonstra a certeza que tão cedo o tema não será esgotado, pois sempre aparecerão novas propostas visando sempre o melhor caminho neste processo da alfabetização.

Ao repensar a aprendizagem da escrita partindo da proposta renovadora, evidencia que é possível alfabetizar, garantindo todo o signo linguístico, num ambiente alegre com conteúdo que diz respeito à experiência do aluno construído pelo próprio aluno e não necessariamente deva ser uma prática rígida, decorada, cansativa, com conteúdo pré-fabricado conforme visto nesta pesquisa.

Cada criança que chega à escola para ser alfabetizada está num determinado nível

de cognitivo a respeito da língua escrita, nível este que precisa ser cuidadosamente diagnosticado para ser devidamente respeitado e trabalhado.

No caso da aprendizagem da escrita, nova proposta renovadora permite recolocar o problema dos métodos, pois a aprendizagem é vista não mais como aquisição mecânica de capacidade perceptiva, mas como uma atividade cognitiva centrada na construção de um conhecimento.

Enquanto nas teorias tradicionais o sujeito da aprendizagem é um sujeito passivo, que recebe o ensino e aprende, nas novas abordagens esse mesmo sujeito será ativo e agirá sobre o conhecimento, apropriando-se do objeto a ser aprendido, pois são trabalhados em suas estruturas mentais, fazendo dos mesmos seres pensantes e críticos.

É preciso que os educadores trabalhem a ortografia dentro do cotidiano, para que realmente a aprendizagem flua de forma significativa nos educandos.

Recebido em: março de 2013

Aceito em: abril de 2013

REFERÊNCIAS

BRASIL.MEC/SEF. **Parâmetros Curriculares Nacionais**. Língua Portuguesa. V.2. 3º edição, Brasília; 2001.

CAGLIARI, L. C. **Alfabetização e Linguística**. 5º edição; SP: Scipione, 1992.

FERREIRO, E. **Reflexões sobre alfabetização**. SP: Cortez/ Autores Associados, 1998.

FERREIRO, E.; TEBEROSKI, A. **Psicogênese da língua escrita**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1986.

FREIRE, P. **A importância do ato de ler: em três artigos que se completam**. 25ª. Ed. Cortez Editora, 1991.

MORAIS, A. G. de. **Ortografia: Ensinar e aprender**. Ed. Ática, 2002.

SMITH, F. **Compreendendo a leitura: uma análise**. Psicolinguística da leitura e do aprender a ler. TRAJ. Daise Batista. Porto Alegre: Artes Medicam 1991.

VIEIRA, I. L. **Escrita, para que te quero?** Ed. Demócrito Rocha. Fortaleza, 2005.

ZILBERMAN, R. (org.) **Leitura: perspectivas interdisciplinaridades**. SP: Ática, 1991.